



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
COLEGIADO DE SERVIÇO SOCIAL**

BEATRIZ VITÓRIA SANTOS DO CARMO

**RAÍZES AFETIVAS: HOMENS NEGROS E OS LAÇOS FAMILIARES SOB NOVO
OLHAR**

**SALVADOR
2025**

BEATRIZ VITÓRIA SANTOS DO CARMO

**RAÍZES AFETIVAS: HOMENS NEGROS E OS LAÇOS FAMILIARES SOB NOVO
OLHAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Serviço Social da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social.

SALVADOR
2025

BEATRIZ VITÓRIA SANTOS DO CARMO

RAÍZES AFETIVAS: HOMENS NEGROS E OS LAÇOS FAMILIARES SOB NOVO OLHAR

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Ensino de Graduação em Serviço Social, Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do grau de bacharel em Serviço Social.

Salvador, 24 de Janeiro de 2025.

Banca examinadora

Josimara Aparecida Delgado Baour– orientadora _____
Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora
Mestre em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Pós-Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Docente da graduação em Serviço Social na UFBA
Docente da Pós-graduação em Serviço Social e Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM) na UFBA

Rodrigo Sales Queiroz _____
Graduado em Serviço Social pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
Graduação em Educação Social pelo Instituto Politécnico de Bragança.
Mestre em Serviço Social pela Universidade Federal da Bahia.
Doutorando em andamento em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco.
Docente substituto da graduação em Serviço Social na UFBA.
Especialização em Direitos Humanos e Contemporaneidade pela UFBA.

Paulo Henrique Cerqueira Gonzaga _____
Graduado em Psicologia pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública.
Especialista em Saúde Mental e Atenção básica.
Especialista em Direitos Humanos, saúde e racismo pela Fundação Oswaldo Cruz
Pesquisador na área da masculinidade
Colunista no site Negrê.

Psicólogo no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPSAD)
Gregório
de Matos

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo agradeço a Deus, aos orixás e meus ancestrais. Graças a eles eu estou aqui hoje, viva, bem e prosperando.

A minha família: pai, mãe, irmão, tios e primos, sem vocês eu não chegaria até aqui por muitos motivos, e um deles foi a persistência para que esse projeto fosse realizado. Me lembro que durante a matrícula vocês estavam lá, ao perder uma vaga em outro curso também estavam, vieram para Salvador às pressas e mudou a vida de vocês inteira também. Esse trabalho surge motivado e pensando a partir de vivências próprias, observando como a minha família se coloca no mundo e como meu pai é pra mim, uma das melhores pessoas da minha vida. Te amo, meu pai, te amo minha mãe, o afeto de vocês me salvou.. Minha avó Rosa, minha jóia, colocou no mundo um pedaço especial dela. Saudades Eternas.

Agradeço a minha família de axé que me acolheu pessoalmente e espiritualmente e vejo torcerem por mim em cada conversa, e nos momentos de ansiedade, são acolhimento.

Aos meus professores, cada um que conheci nessa jornada, a maioria das colocações que foram feitas o tempo e a maturidade me mostraram que não foram em vão. Ser professor não é um simples papel e eu admiro e reconheço a intelectualidade e os esforços feitos por vocês no dia a dia. Geyse Miranda, Josimara Delgado, Itamires Alcântara, Lucas Amaral, Milena Machado e Raquel Pavin, nesse grande caminho profissional com certeza haverá um tanto de vocês nele.

Aos meus colegas de universidade: Larissa Lemos, Maria Vitória, Gustavo, Bianca Santos, Marcus Vinicius, Ana Alice, Sebastião, Carolina Arouck, Larissa Guimarães e outros, eu cheguei até aqui por que não estive sozinha, e estar concluindo esse processo ao lado de vocês é muito significativo. Espero encontrá-los em muitas posições por aí.

Meu companheiro Samuel, sou muito feliz e grata por ter tido você ao meu lado ouvindo pacientemente as minhas confusões, inseguranças e vibrando comigo cada nova experiência de estágio. A universidade também me trouxe a sua companhia pra vida.

Beatriz Mafra, Sabrina Raiol, Raphaella Boa Sorte, Anna Fernandes e Walê Mungongo, meus amigos da vida, essa etapa da universidade foi apenas mais uma dentre tantas que passamos e iremos passar juntos, é imprescindível pra mim a presença de vocês em minha vida, em quem eu me tornei e venho me tornando.

Quando me mudei para recomeçar tudo em Salvador, eu não imaginava que 6 anos me transformariam, cercada de tantas pessoas pretas incríveis e que me ensinaram de forma, nem sempre amorosa a responsabilidade de ser alguém nessa cidade complexa e nessa universidade tão complexa quanto. Meu percurso na UFBA me colocou desafios de autoestima, críticas que demandaram maturidade da minha parte e sobretudo, me fez entender como os espaços podem potencializar as nossas mentes e nos libertar para sermos indivíduos muito mais coletivos, responsáveis e atentos às demandas alheias. Eu entrei na UFBA uma menina para tantas coisas, vinda do interior sem saber quase nada sobre território, comunidades, e a universidade, junto com as minhas experiências fora dela, possibilitaram esses conhecimentos.

Ao Serviço Social, fica a minha imensa gratidão por mostrar na prática como um projeto político pode dar certo e dentro do possível, transformar a vida de alguém. Nem de longe houve uma expectativa de que a profissão não era realmente, pois ela mesma, de maneira honesta, apresenta os seus limites, e ainda sim é indispensável, ou ao menos deveria ser, em todos os espaços. O curso me ensinou a criticar a estrutura socialmente imposta, a entender como a ética e a política social se faz necessária na sociedade, e todo mundo, absolutamente, é um indivíduo dotado de direitos e esses precisam ser assegurados a muito custo. Enquanto profissional isso não pode se perder de vista.

O sistema escravocrata e as divisões raciais criaram condições muito difíceis para que os negros nutrissem seu crescimento espiritual. Falo de condições difíceis, não impossíveis. Mas precisamos reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem nossa capacidade de amar.

CARMO, Beatriz Vitória Santos . **Analisando as múltiplas versões do homem negro na família: racismo e masculinidade hegemônica como potencializadoras.** 42 Fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) -Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2025.

RESUMO

Para a conclusão do curso de graduação em Serviço Social, a escolha do tema tem como expectativa explicar como os estereótipos e desigualdades sociais que envolvem a realidade do homem negro somam nos papéis subjugados que estes executam, ou tantas vezes acabam por não executar, se ausentando. A junção do racismo e do machismo, observando de um paradigma complexo e estrutural, constrói um sujeito permeado de masculinidades negativas, pautadas numa lógica hegemônica que mata simbolicamente e fisicamente os homens negros na diáspora brasileira. É importante detalhar o percurso que este grupo, têm feito desde a colonização até a contemporaneidade para compreender determinadas posições que os mesmos ocupam, no que diz respeito a sua obrigação para consigo mesmo e com a sua família.

Este trabalho possui o enfoque em homens negros heterossexuais, onde a família destes se encaixam na categoria monoracial, ou seja, identificadas como negros, em sua totalidade. Ao discutir gênero e raça, tantos outros grupos seriam colocados dentro de suas especificidades, e apesar do trabalho fazer um recorte menos abrangente, a discussão da masculinidade e suas variações e das famílias e suas variações, não podem se esgotar e não se restringem apenas há uma parcela específica, como essa mencionada nesta pesquisa. As entrevistas foram feitas com grupos de idades diferentes para que houvesse dentro dessa mesma categoria, homem negro, um pouco mais de abrangência no que diz respeito às vivências deles, desde a sua infância. Apesar disso, como percebido nas análises das entrevistas, o povo negro possui características em comum, seja pessoal ou social que permitem que as singularidades coexistam com as pluralidades.

A ilustração no corpo do trabalho retrata a troca afetiva, perpassando o

sentimento positivo existente entre os homens negros. O registro fotográfico foi produzido e editado pela autora da obra presente.

Palavras-chave: Negro, masculinidade, trabalho, gênero, família.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Gráfico representando taxa de subutilização para o mercado de trabalho.

FIGURA 2: Proporção de pessoas em condição de pobreza no Brasil por cor ou raça.

FIGURA 3: Distribuição das mortes recorrentes de intervenções policiais, por sexo (em %) no Brasil.

FIGURA 4: Fotografia representando a união e afeto entre homens negros.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 CAPÍTULO 1: MASCULINIDADE NEGRA.....	14
1.1 AFETIVIDADE.....	18
1.2 HOMEM NEGRO E FAMÍLIA.....	20
2 CAPÍTULO 2: ELUCIDANDO OS CAMINHOS-	23
ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	
2.1 A RELAÇÃO CONJUGAL COMO NORTEADORA DA FAMÍLIA	28
2.2 O CANDOMBLÉ ESTRUTURADO NA FAMILIARIDADE.....	30
APROXIMAÇÕES CONCLUSIVAS.....	33
REFERÊNCIAS.....	34
APÊNDICE A: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....	36

INTRODUÇÃO

Este referido trabalho trata-se de uma pesquisa de conclusão do curso de Serviço Social da Universidade Federal da Bahia. O mesmo possui o intuito de discutir e refletir sobre a complexidade das experiências de homens negros na diáspora brasileira, trazendo a problemática para contextualizar determinados estereótipos que são atribuídos aos homens negros e seus papéis sociais, assim como essas divisões são frutos do racismo e machismo produzido pelo grupo hegemônico do Brasil. A partir da discussão da masculinidade, outras questões serão aprofundadas como uma maneira de explicar algumas posições que, inevitavelmente, o homem negro se apropriou de maneira negativa e pouco justificadas socialmente.

A discussão sobre o povo negro na diáspora passou a ser um tema relevante para mim alguns anos antes de iniciar a graduação, ainda no interior do Estado, mesmo sem muitos sopros de reflexão e representatividade, a internet despertou-me a reflexão sobre cultura, raça, política, e aos poucos direcionei os racismos já enfrentados como uma questão muito além de mim mesma. A partir do momento em que adentro a universidade, em um curso majoritariamente negro e que pensa a política como projeto profissional, uma revolução acontece. Foi durante a pandemia em que voltei meu olhar para minha casa, a estrutura familiar ao qual pertencço, que por ventura é toda negra, e que possui legados importantes na minha construção como sujeito. Os problemas que observei são muito associados ao homem como centro, seja ele os mais velhos e/ou mais novos.

Há características comportamentais advindas de uma estrutura, que se repetem em contextos diferentes. Pude observar homens negros de classes sociais e faixetária diferentes para começar a ligar os pontos onde a masculinidade tem um ponto central e divisor de águas que é a raça.

Segundo o site Câmara dos Deputados, “Além da precariedade do sistema carcerário, as políticas de encarceramento e aumento de pena se voltam, via de regra, contra a população negra e pobre. Entre os presos, 61,7% são pretos ou pardos.” (Câmara dos Deputados, 2018). É necessário pensar socialmente em qual lugar o homem negro foi colocado historicamente e quais condições a sociedade escravocrata deu para que o negro brasileiro prosperasse. Não por coincidência, outro dado

importante: “Segundo a pesquisa do Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o número de mães solo no Brasil aumentou na última década. Entre 2012 e 2022, esse número cresceu 1,7 milhão, sendo 90% de mães negras.” (Mundo Negro, 2023).

Foi interligando esses dados e observando na minha realidade os múltiplos racismos enfrentados pelos homens negros que passei a ver o machismo deles como uma reprodução sistemática de impor seu lugar enquanto homem e na maioria das vezes sair pela culatra quando se trata de privilégios, diferente do homem branco que sempre teve o que desejou nessa sociedade racista e misógena. Esses homens negros estão em posições socialmente diferentes do branco, logo sua própria misoginia prejudica a si mesmo, a construção de famílias negras saudáveis, alimentando a estrutura racista que o mesmo está inserida. Eu precisei olhar com mais minuciosidade e sobretudo buscando aquilombamento para compreender as complexas camadas desse problema, até mesmo quando ele me atingiu, dentro da minha casa, nos meus relacionamentos e nos ambientes profissionais.

A motivação para abordar esse tema partiu desse ponto pessoal mas, ao longo da graduação e principalmente nos estudos sobre raça feito pelo pan africanismo e feminismo negro, entendi que não se fala de política pública sem pensar o homem negro também como a base dessa política de equiparação contra o genocídio da população negra, a principal usuária dessas políticas. Não obstante, o Serviço Social estando na ponta desse trabalho investigativo, precisa pensar a Questão Social analisando os impactos e transformação possível a partir do pensamento voltado minuciosamente para o homem negro e seus traumas, quando se trata de exercer o seu lugar como homem numa sociedade absolutamente genocida. Ele é uma base importante na estrutura familiar negra, a sua ausência ou presença adoecida causa danos irreparáveis e estruturais para a comunidade negra, refletindo em mais problemas sociais.

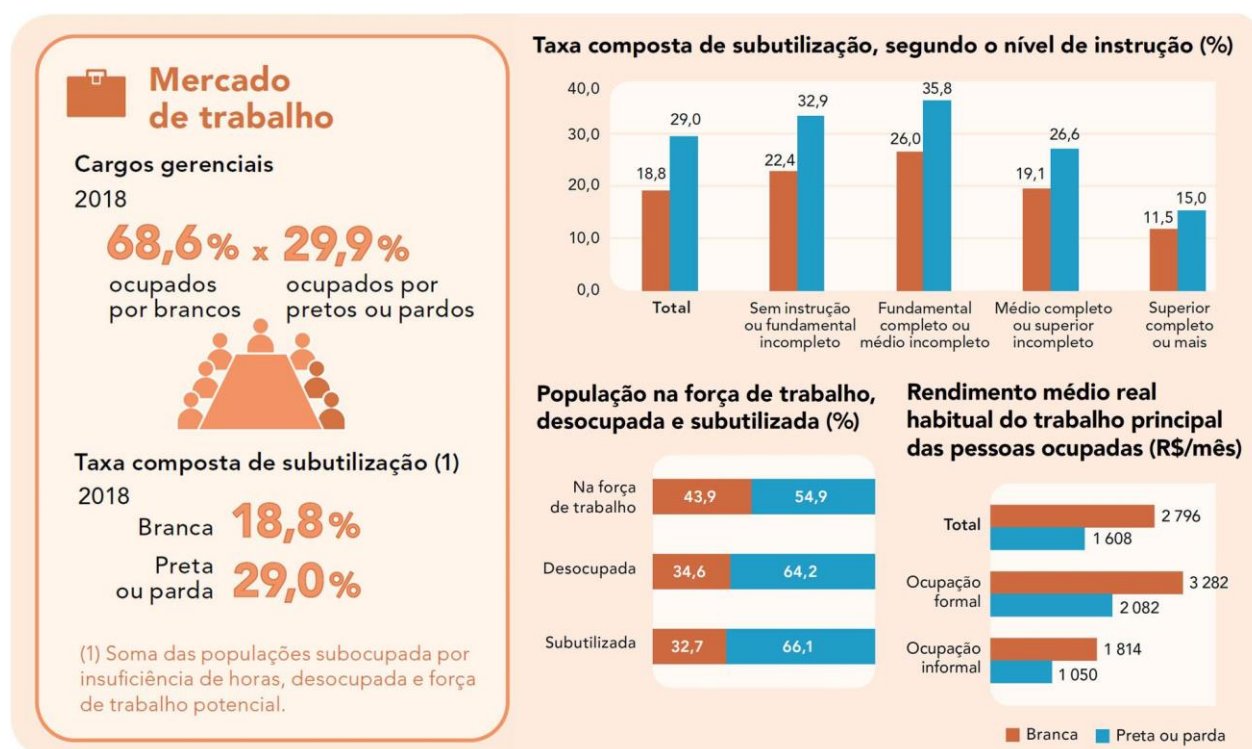
Através do método de pesquisa focado em histórias de vida, a hipótese que possa vir a ser elucidada diz respeito ao percurso que o homem negro tem feito desde a sua infância, entendendo de qual forma a sua criação impactou nos seus padrões de comportamento, como o acesso ou a falta de acesso a recursos financeiros o privou de prosperar financeiramente e principalmente, como a violência racial impacta na sua vida, desde a infância. A abordagem da pesquisa será qualitativa, onde eu (entrevistadora) atuarei como observação participante.

Não separada a esses pontos citados anteriormente, tais fatores sociais criaram no menino negro e posteriormente no adulto, uma perspectiva emocional fadada a evitar expor seus sentimentos. As histórias de vida irão, de algum modo, conectar trajetórias

de famílias negras diferentes, mas que vivem na diáspora brasileira, questões sociais parecidas. Portanto, o objetivo geral desta pesquisa é entender como o racismo, as desigualdades produzidas pelo mesmo e a construção do estereótipo do homem negro implicam na masculinidade negra, que por sua vez, exclui o homem negro da sociedade e o deprimem afetivamente, o deixando impotente e assumindo, por vezes, posições negativas para consigo e sua família, composta por uma mulher e mãe negra, e filhos negros. Para atingir esse objetivo, o trabalho discutirá sobre o Brasil colônia, o patriarcado como responsável pela masculinidade hegemônica, brevemente pelo machismo e classismo e como isso afeta o homem negro de uma maneira diferente do homem branco, este, no topo da pirâmide social.

Não será possível construir o presente trabalho afim de entender a posição do homem negro sem distingui-lo socialmente do homem branco. O centro de pesquisa em Macroeconomia das Desigualdades da USP (Universidade de São Paulo) fez um levantamento importante que confirma tal colocação: Os negros, apesar de serem 54% da população adulta, representam 70% do décimo mais pobre do país. Ou seja, 7 em cada 10 brasileiros mais pobres são negros.

Gráfico 1

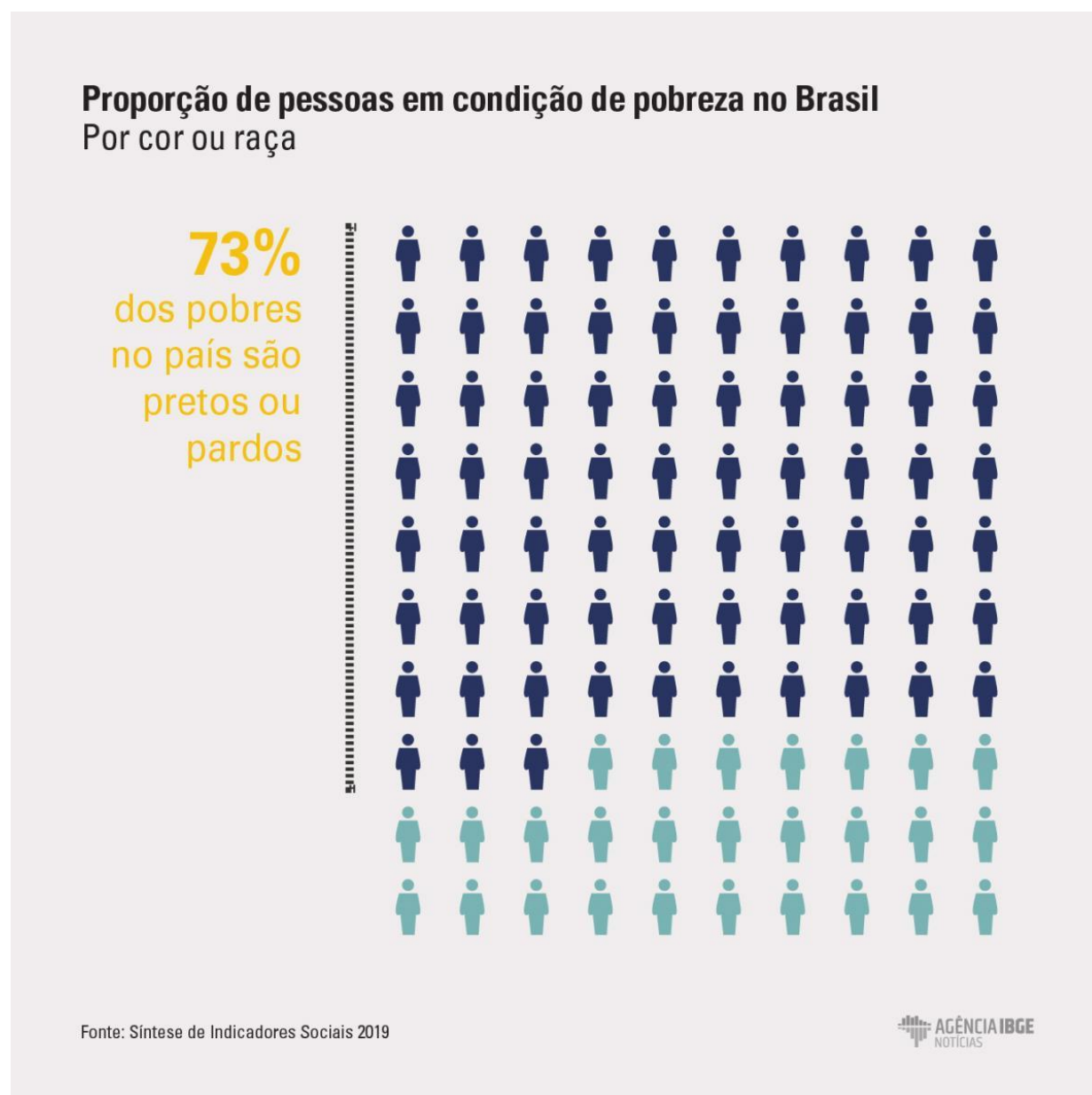


¹Fonte: IBGE

¹ Gráfico pela Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018.

O gráfico acima retrata as posições de desigualdade entre a população branca e negra no mercado de trabalho. De forma não isolada, por ocupar as estatísticas de desvalorização de cargo e subemprego, a população negra, por consequência, dispara em estatísticas de índice de pobreza.

Gráfico 2



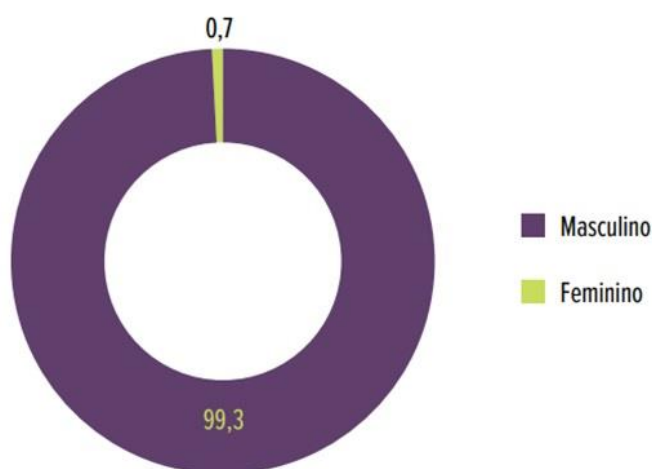
Fonte: Síntese de Indicadores Sociais, 2019.

Arelado ao índice de pobreza da população negra brasileira, os dados demonstram que a taxa de mortalidade masculina avança sobre a taxa feminina. A partir da união desses dados, uma interpretação possível é que a pobreza seja uma das explicações para morte do homem negro, ou seja, a falta de qualidade de vida, o sub-emprego o empurra para baixa expectativa de vida.

Gráfico 3

GRÁFICO 14

Distribuição das mortes decorrentes de intervenções policiais, por sexo (em %)
Brasil - 2023



Fonte: Análise produzida a partir dos microdados dos registros policiais e das Secretarias estaduais de Segurança Pública e/ou Defesa Social. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024.

²Fonte: Fórum brasileiro de Segurança Pública, 2024.

Uma breve análise sobre a expectativa do homem negro no Brasil vai de encontro alguns fatores que se entrelaçam, e preenchem os fatores externos intrínsecos no gráfico 2: pobreza, proveniente do analfabetismo, da falta de acesso a educação de qualidade e subempregos. Atrelado a pobreza, a dificuldade de acessar completamente os tratamentos de saúde, ou seja, a política de saúde (ainda que no Brasil haja sistema público), e um fator importante que influencia na expectativa de vida do homem negro em conjunto há esses fatores resulta da perseguição do Estado em exterminar os corpos negros, jovens e masculinos.

Todos os fatores mencionados até aqui servirão como base para explicar algumas posições sociais que o homem negro ocupa, de modo que perpassam por agência política, estrutural, baseadas no racismo.

² O fato da mortalidade masculina não distinguir a raça, comparando as tabelas citadas, constata-se que um dos motivos externos para a morte dos homens é a violência policial.

CAPÍTULO 1

Masculinidade negra

Um primeiro momento da base teórica desse trabalho refere-se à discussão sobre como se deu a construção da masculinidade para os homens negros no Brasil. Parto da ideia de que essa construção tem como base central a problemática colonial pois, através desse processo, em conjunto com o racismo, a masculinidade apresenta contornos específicos, diferindo-se da masculinidade hegemônica, visto que a colonialidade e o racismo organizam as relações de gênero de maneiras diferentemente hierárquicas. É necessário realçar a herança escravocrata a qual impôs aos homens negros um pensamento colonial de reproduzir violências patriarcais tais quais os homens brancos implementaram e reproduzem na sociedade, sendo que, ao negro homem, não lhe coube os privilégios.

Para pensar o lugar desarrumado do homem negro na sociedade, o psiquiatra estudioso sobre raça e colonização Frantz Fanon, lança uma provocação interessante que nos obriga a analisar as camadas das relações raciais e de gênero: “O homem negro não é um homem!” e “Que quer o homem negro?”. Após essas falas, o autor de *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2008) segue: O negro é um homem negro; isto quer dizer que, devido a uma série de aberrações afetivas, ele se estabeleceu no seio de um universo de onde será preciso retirá-lo (2008, p. 26). Com essa colocação faz-se necessário refletir qual o caminho histórico trilhado pelo homem negro, especificamente no Brasil, para explicar o “não lugar” em uma sociedade hegemonicamente branca e patriarcal, e por quê, sendo homens negros, não puderam desfrutar do mesmo lugar de masculinidade e seus privilégios tal qual o homem branco.

A raiz do problema, a colonização, mais especificamente o sequestro dos africanos para as américas, iniciou o caminho da violência pela desumanização, com a crença de que negros e indígenas não eram humanos, através da justificativa eurocristã. Clovis Moura em *Sociologia do Negro Brasileiro* contribui:

A imagem do homem negro tinha de ser descartada da sua dimensão humana. De um lado havia necessidade de mecanismos poderosos de repressão para que ele permanecesse naqueles espaços sociais permitidos e, de outro, a sua dinâmica de rebeldia a isso se opunha. Daí a necessidade de ser ele colocado como irracional, as suas atitudes de rebeldia como patologia social e mesmo biológica. (MOURA, 1988, p. 23)

A posição do homem negro, apesar de combativa à situação imposta, ainda era serventiva, na qual o homem branco o tratava como sua propriedade e o seu corpo era comparado a uma máquina de força para realização de trabalhos pesados. Então o homem negro até esse momento foi retirado da sua humanidade aos olhos colonizadores, depois um humano inferior, sendo mão de obra escrava e em paralelo servindo aos desejos econômicos e sexuais das famílias brancas. Tirados do contexto familiar com suas companheiras negras, foi também sujeitado, assim como as suas esposas, a servir de objeto sexual pelas sinhás (brancas). Nesse cenário de opressões, além da raça, gênero já estava sendo posto como lugar de hierarquia, os senhores de engenho ocupavam o topo da pirâmide hierárquica, as mulheres brancas abaixo dos seus companheiros exerciam o papel de sinhás e juntos ambos se sobrepunham aos homens e mulheres negras.

Uma vez que as pessoas negras são tiradas do lugar de escravizados e passam a ocupar as ruas sem perspectiva de trabalho, separados do seu núcleo familiar, a ideia de sub humanidade continua a ser reforçada mas nesse momento como vagabundagem e rebeldia, se intensificando e perpassando por todos os âmbitos sociais possíveis onde o negro tente se encaixar. Complementa o autor:

Bloqueios estratégicos que começam no próprio grupo família, passam pela educação primária, a escola de grau médio até a universidade; passam pela restrição ao mercado de trabalho, na seleção de empregos, no nível de salários em cada profissão, na discriminação velada (ou manifesta) em certos espaços profissionais; passam também nos contatos entre sexos opostos, nas barreiras aos casamentos interétnicos e também pelas restrições múltiplas durante todos os dias, meses e anos que representam a vida de um negro. (MOURA, 1988, p.8)

É preciso entender o racismo, o classicismo e o machismo como produtos da colonização que se atualizam com o passar do tempo. Para compreender os comportamentos de certos grupos marginalizados é necessário deslocar-se do pensamento individual apenas, mas compreendê-lo como uma explicação social de projeto de dominação que ultrapassa características de determinado grupo.

Os diferentes tipos de divisão social são na verdade um pensamento produzido na colonialidade que permanece nos comportamentos sociais como reprodução, tanto do negro como dos grupos hegemônicos. Sobretudo, ao compreender essas problemáticas como projeto, o pensamento racista permanece intacto quando se pensa o olhar do negro sobre si mesmo. Clóvis Moura (1988) diz que, a sociedade escravista gerou um pensamento racista que perdura até hoje, do trabalho escravo para o trabalho livre, os mecanismos se aperfeiçoam cada vez mais.

O problema do negro enfrenta barreiras difíceis de serem identificados isoladamente, sem o começo e o fim. São problemáticas que se sobrepõem suavemente, moldando o homem negro a inúmeras faces possíveis dificultando identificar padrões culturais e econômicos precisos, ou seja, a depender de quais bolhas sociais este homem negro esteja inserido, as violências nas quais esteja sujeito, aparecem de maneiras distintas. Não significando que por ser uma pessoa de cor, mas justamente por isso, ainda que homem, está sujeito a todas as más atribuições sociais: sujo, vagabundo, violento, feio.

Com isso, paralelo aos estereótipos racistas, o homem preto, imerso em uma sociedade patriarcal, precisa de alguma forma tentar garantir uma vantagem, e através da sua posição enquanto homem e vendo a sociedade colocar hierarquicamente os homens (brancos) nesse lugar, pensa em reproduzir tudo o que é imposto ao masculino, performando, sem levar em consideração o SER NEGRO que sobrepõe negativamente a todo e qualquer possibilidade de ganho. Fanon em poucas palavras descreve o auto ódio imposto ao homem negro: “Da parte mais negra de minha alma, através da zona de meias tintas, me vem este desejo repentino de ser branco. Não quero ser reconhecido como negro, e sim como branco.”(p.69)

Esse pensamento colonizado, configurado no dia a dia em uma sociedade racista, empurra o homem negro a tentativa de se adequar a um grupo hegemônico que não o vê como humano, longe de ocupar algum privilégio social branco. Contribui o pesquisador do literafro Kevin Jorge Batista:

A masculinidade hegemônica patriarcal é basicamente uma masculinidade branca, pautada em uma série de comportamentos tóxicos, que possui a expressão de uma virilidade intensa baseada na repressão de sentimentos, em códigos de honra, homofobia, sexismo e de poder/dominância, além de estipular um padrão estético/corporal ideal para os homens. Tudo que diverge dessa masculinidade hegemônica se torna uma ameaça para a masculinidade desse homem. (2024)

O racismo sobretudo, traz consequências severas para a autoestima do homem negro, o mesmo vivencia no seu cotidiano o esteriótipo animalizado, assexualmente viril, violento, feio, qual a afetividade resta para esse corpo e essa cabeça ao final do dia? Esse pensamento foi sendo atribuído ao negro ao passo em que a sociedade atuava para que o mesmo fosse sumindo na sociedade, principalmente nos postos de trabalhos, por exemplo, durante a ascensão do capitalismo no Brasil, que começa após a abolição da escravidão. A mesma excluiu esse corpo de ocupar as vagas de trabalho, justificando esse homem como incapaz. Carlos Moore (2007) pontua sobre o acesso do negro:

Nas sociedades atuais, os recursos vitais se definem em grande medida em termos de acesso: à educação, aos serviços públicos, aos serviços sociais, ao poder político, ao capital de financiamento, às oportunidades de emprego, às estruturas de lazer, e até ao direito de ser tratado equitativamente pelos tribunais de justiça e as forças incumbidas da manutenção da paz. O racismo veda o acesso a tudo isso, limitando para alguns, segundo seu fenótipo, as vantagens, benefícios e liberdades que a sociedade outorga livremente a outros, também em função de seu fenótipo (p. 284)

Moore aponta que para a manutenção do racismo, é preciso que os privilégios sejam assegurados aos grupos hegemônicos. Quando eles estão blindados, o que resta aos grupos subalternizados é o lugar imposto: à margem da sociedade, nos altos índices de desemprego, encarceramento em massa e mortes da população negra no Brasil. De acordo o documento do Anuário Brasileiro de Segurança Pública em 2023, 69,1% das pessoas encarceradas no Brasil eram negras, e somando a isso, a maior parte das pessoas negras encarceradas é composta por homens, que

somam mais de 805 mil indivíduos nessa condição. O estudo aponta sobre o cenário de celas lotadas, má qualidade de saúde e de higiene, violência, presença de facções criminosas e tempo de permanência na prisão maior do que o determinado pela condenação.

Nesse ponto, o racismo estrutural se escancara no que diz respeito aos cenários que o negro brasileiro foi e é apresentado desde a sua infância, a partir de uma estrutura que sucumbe o direito a vida, as condições básicas, e sobre o que se trata o trabalho especificamente, ao projeto anti afetividade que tenta de todas as formas afastar o homem negro da sua afetividade e também da sua humanidade para consigo e sua própria comunidade. É importante pensar que a vulnerabilidade social produz a violência que a sociedade racista espera do homem negro, este que para tentar fugir dos estereótipos, apega-se por vezes a violência de gênero e racial para diferenciar-se desse lugar já atribuído a ele.

Quando se pensa a violência de gênero entre povos racializados, o exercício de poder do homem negro sobre a mulher negra desmascara a competitividade para pertencer a categoria de virilidade, inteligência e poder econômico que o patriarcado e capitalismo exige que esse homem esteja inserido, e engana-se quando estes fatores não o eliminará do racismo. Ou seja, as mulheres negras, a base da pirâmide além de lidar com as inúmeras violências raciais e patriarcais, precisa a mesma lidar com as fragilidades e violências do homem negro, tantas vezes dos seus companheiros, pai, irmãos, amigos, que são produtos dessa sociedade que estão inseridos e invadem os âmbitos das relações sociais como, relações amorosas, familiares e profissionais.

1.2. Afetividade

O afeto entre os grupos racializados perpassa pelos lugares ancestrais que nos aproximam da nossa identidade e nos ajuda a construir a identidade a partir de referências positivas que os mais velhos nos deixaram em terras brasileiras. Esse ponto é importante ser destacado pois, ainda que as explicações a seguir mostram que o modelo branco de civilização tentou nos fragmentar, e de certo modo, tantas vezes consegue, o intuito desse trabalho também é retratar como a afetividade negra e a comunidade não nos deixam sucumbir.

O campo da afetividade vem tomando um lugar político para analisarmos de maneira estrutural como os afetos se comportam, pautando questões raciais, de classe, gênero, as tensões e conquistas que envolvem os mesmos. Em Políticas do

Amor e Sociedade do Amanhã, Wanderson Nascimento e Vinícius Rodrigues resumem a importância da discussão da afetividade na obra como uma maneira de sustentar a necessidade da construção de outro modelo de sociedade guiado pela prática do amor, as sociedades do amanhã, que apresente para a experiência das pessoas negras, rotineiramente violada pelo racismo, outro jeito de estar no mundo e reiteram que essa dimensão das relações de existência é de caráter coletivo. (2019).

Acredito que um ponto importante de erupção social foi a colonização do século XVI ao XIX que moldaram as relações raciais no país, e após o final da escravidão legal, os negros no Brasil estavam, para além de vulneráveis economicamente, sozinhos afetivamente, separados de sua prole e separados do seu berço cultural e humanitário, isso os afastou de forma brusca da sua referência identitária. Ainda que permanecesse em sua memória africana, esse afastamento causado pelo modelo colonizador de aniquilar sua identidade através da língua, religiosidade e corporeidade, ao passar das gerações provocou no sujeito negro outra maneira de coexistir nessas terras, que nessa altura fazia confluência com os povos originários e europeus, e outras influências passaram a nortear suas relações sociais.

Outro marco importante de onde se moldaram as relações sociais e que acrescentará do ponto de vista de modelo hegemônico, é o capitalismo e as relações subjacentes do mesmo, a partir de um modelo de exploração e consumo. Ou seja, envolve as tensões raciais, de classe e gênero para começarmos a discussão, advindo historicamente da colonização e posteriormente se somando ao capitalismo industrial do século XVIII, nesse momento afetado pelas relações de trabalho e já fragmentados pelos grupos sociais hierárquicos.

A forma como o sistema patriarcal racista foi se estabelecendo dentro do modelo de capital, primeiramente excluiu alguns grupos da participação do trabalho nas indústrias. As mulheres e os idosos eram lidos como corpos improdutivos na operação das atividades, refletindo hoje como grupos que são facilmente descartados por não serem considerados aptos suficientemente a produção: mulheres rebaixadas a cargos com menos remuneração e idosos como uma responsabilidade a ser sobrecarregado para outros grupos mais produtivos, não salvaguardando o direito pleno a velhice com qualidade. A partir disso, o capitalismo começa a reorganizar o que Marx chama de relações de produção: uma organização que inclui o modo com que a comunidade/sociedade se estrutura em relações de poder e classificações para operar e Divisões Sociais do Trabalho: conceito onde Marx apresenta diversos tipos de divisões como família, sexo, idade, tribos. (Leite, p. 37, 2022).

Todos esses espaços onde o capitalismo subdivide, de certo modo, além de limitar e segregar determinados grupos como produtivos e não produtivos, tenciona também as trocas comunicativas entre as pessoas, baseando as relações em um ponto de vista produtivo e material. Através da desigualdade causada pelo sistema, não sobra espaço político digno para operar o cuidado entre comunidade e para si próprio, realidade dos grupos marginalizados pela sociedade.

Imersos na prática do projeto civilizatório branco, a exploração e desumanização da pessoa de cor, anseia a permanência das classes econômicas intransmutáveis, mantendo os privilégios de raça, classe e gênero, tirando dos negros todos os acessos anteriormente mencionados, excluindo da possibilidade não somente dos recursos materiais, mas experiências sentimentais positivas como o amor, por exemplo. Quando falamos de afetividade, incluímos o autocuidado, autoestima, cuidado coletivo, afirmação da identidade e condições de saúde física e mental estáveis para construir um ambiente próspero.

Para pensarmos um projeto de prosperidade e integridade do homem negro, assim como para todas as pessoas, é indispensável mencionar a respeito construção social e subjetiva desse dele, a partir das suas experiências relacionais, correlacionando com a estrutura opressora que o mesmo está inserido.

1.3. Homem negro e família

Para adentrar as camadas do campo afetivo do homem negro, é importante pontuar os aspectos sociais estruturais que influenciam na forma como o negro aprende as relações, levando em conta que existem aspectos decisivos na construção dos mesmos que são atravessados pelo racismo. O primeiro núcleo onde este ser começa a se construir é a família. O conceito da família é demarcado antes de mais nada, geograficamente, por época, raça, gênero e classe, ou seja, de modo que as discussões foram avançando com o tempo no campo social e político a respeito das problemáticas envolvidas nesses eixos estruturais e de localização, contestações foram acontecendo a respeito do significado de família, seu modelo hegemônico e sua função coletiva e individual.

Historicamente, o significado e função da família sempre teve grande influência da religião e os valores morais e éticos que a mesma é responsável por prover e fiscalizar. No período colonial brasileiro, apesar de existirem indígenas e africanos

que contribuíram e fizeram parte das primeiras formações familiares na diáspora, o pensamento europeu e religioso predominou na configuração do que seria família, pautando os valores da igreja nessa estruturação. Gilberto Freyre em Casa Grande Senzala (1987) remonta o papel significativo da mesma:

A família não o indivíduo, nem tampouco o Estado nem nenhuma companhia de comércio, é desde o século XVI o grande fator colonizador no Brasil, a unidade produtiva, o capital que desbrava o solo, instala as fazendas, compra escravos, bois, ferramentas, a força social que se desdobra em política, constituindo-se na aristocracia colonial mais poderosa da América. Sobre ela o rei de Portugal quase reina sem governar. (...) a força social que se desdobra em política, constituindo-se numa aristocracia colonial. (FREYRE, 1987, p.18)

Ele tenta retratar como a família, nesse modelo hegemônico e colonizar foi um polo grupal para, por meio dela, instalar-se diversas práticas hierárquicas. Nessa configuração, o patriarcado foi ganhando ainda mais força a partir do casamento, seguindo o modelo monogâmico (como estratégia econômica de manutenção e preservação das riquezas).

O modelo matrimonial, dessa forma, conseqüentemente imprimiu o modelo familiar aplicado pelo catolicismo que imperava na época e até os tempos atuais: a família branca, capitalista, hétero, onde os papéis de gênero são claramente divididos sobretudo demarcado entre a vida privada e pública. Solidificando a certeza do pensamento influente e impositivo europeu sobre a família hegemônica, Mary Del Priore (1999) conclui: foi modelo de família constituído de pai e mãe casados perante a igreja” (PRIORE, 1999, p.6). Não adentrarei, mas é necessário destacar brevemente que esses modelos não excluem uma prática que já era comum na época e Gilberto Freyre discorre em seus escritos de Sobrados e Mucambos (1996), onde apresenta a família oficializada pelo casamento cristão católico mas também aponta para as relações extraconjugais, e os filhos frutos dessas relações que também diz respeito o espaço de influência do patriarca.

Pensando a família forjada nessa estrutura inicial do Brasil, o ponto chave é compreender como toda essa estrutura modificou a forma como o africano na diáspora lidou com essas reconfigurações culturais pautadas no catolicismo, na violência racial e de gênero, levando em conta seu berço identitário e modelo familiar obstando da nova realidade, principalmente ‘porque’ o colonizador não permitia que o negro se organizasse, como estratégia, tirando do seu lugar de humanidade. De modo

que as gerações dos negros no Brasil foram se construindo a partir da cultura patriarcal imposta, se estabeleceu uma nova forma de relações familiares para esse grupo, diferentemente dos modelos familiares também presentes no continente africano. Sobonfu Somé, autora africana, em *Espírito da Intimidade* menciona:

Na comunidade tradicional africana, não há um único modelo de família. Existem diferentes formas de famílias — algumas focadas em parentesco de sangue, outras em laços específicos e ainda outras criadas a partir de necessidades específicas. Todas essas formas são válidas e são estruturadas para sustentar o indivíduo, a comunidade e o equilíbrio espiritual (Somé, 2003)

Figura 4: Negritude, família e afeto.



Fonte: Beatriz Vitória fotografia

Sobrevivendo em condições insalubres fisicamente e mentalmente, a população negra precisa lidar com grandes desafios das relações familiares sendo totalmente atravessados pessoalmente por alguma mazela social, se não de classe ou gênero, nas questões raciais, que tantas vezes buscam a realização dos modelos familiares coloniais impostos que esbarram no racismo.

Capítulo 2

Elucidando os caminhos

Este capítulo é responsável pela análise das três entrevistas feitas no período de janeiro de 2025. A metodologia escolhida foi Pesquisa qualitativa, através das

Histórias de vida que derivou em um Estudo Social focado em analisar como essas histórias correspondem a alguns fenômenos sociais.

Os entrevistados tratam-se de homens, pais, negros, de faixa etária distintas, com diferença de vinte anos entre cada um: 64 anos, 44 anos e 23 anos. Através de um roteiro criado previamente, com perguntas que perpassam pela infância e adolescência, negritude, masculinidade, geração e a experiência da paternidade na individualidade deles, as respostas foram captadas por um dispositivo de áudio e transcritas após alguns dias. As duas primeiras entrevistas ocorreram em espaço público, onde a primeira, encontrava-se no recinto somente eu (entrevistadora) e o entrevistado, a segunda com a presença do filho de 3 anos do entrevistado e a terceira ocorreu em local domiciliar, onde parte da entrevista foi realizada com a presença de terceira pessoa (esposa) no ambiente e do meio para o final estiveram apenas eu e o entrevistado.

A primeira entrevista foi realizada na terça-feira, em um bairro periférico de Salvador cujo estabelecimento onde a entrevista aconteceu trata-se de um dos ambientes de trabalho do entrevistado; o identificarei como João. Com 44 anos de idade atualmente, João, se identifica como homem cis hétero, preto, candomblecista, pai aos 32 anos de Ayiê de 11 anos, fruto do seu relacionamento de 6 anos com a ex companheira, enfatiza ser o 11º filho de uma família numerosa, com maioria feminina, nascido, crescido e ainda habitando atualmente o bairro da Boca do Rio no município de Salvador. Ele relembra positivamente do contexto em que foi criado, com educação rígida por parte do pai, que proporcionou juntamente com sua mãe e suas irmãs mais velhas certo bem-estar e acesso. Apesar de cumprir as responsabilidades paternas, João também enfatiza a extrema rigidez, cobrança e excessos por parte do seu pai, até mesmo a dureza em demonstrar afeto para com ele, seus irmãos e sua mãe:

[...] A postura de meu pai era inclusive muito questionável, porque ele era muito... Era muito ranzinza, era o sargento da família. Tem uma educação bastante rígida, onde eu lembro de minhas irmãs quando começaram a namorar sempre era aquela coisa: namoro escondido, para o pai não descobrir. A gente tinha que estar em casa às 18 horas, tomado banho porque era o horário dele chegar do trabalho, então, está todo mundo já arrumado, já pronto esperando ele para tomar café, aquele modelo de família rígida, né? Paternalista e tal. Muita surra em todos, né? Lembro de tomar surras homéricas de meu pai por coisas que ele achava que era errado. (JOÃO, 2025)

Ao final da adolescência e começo da vida adulta, passando longos anos

frequentando a igreja e alguns grupos católicos, após a conclusão do ensino médio e exercício do trabalho como sorveteiro e lotérico, inicia a graduação em pedagogia pela Universidade Católica, estando afastado da igreja católica, se integra a grupos com perspectivas políticas, raça e direitos humanos, e juntamente nesse processo passa a conhecer e se identificar com o candomblé. No período em que João ocupa o cargo de funcionário público em uma secretaria do Estado, paralelamente é suspenso como Ogã em seu terreiro e em seguida descobre a paternidade. Em meio a isso, ainda exercia sua profissão de fotógrafo.

[...] Tinha comprado uma câmera nova, vou viajar, vou fazer isso, vou fazer aquilo, e aí, Kinda chega. Eu lembro que eu decidi, agora a prioridade não é mais só eu, ,minha prioridade agora é minha filha. Até o terceiro ano dela eu vivi estritamente para ela sem me relacionar com ninguém, sem viajar, todo o dinheiro que eu ganhava era justamente para poder garantir esse sustento dela. (JOÃO, 2024)

Após a saída do cargo público e ao integrar outros espaços profissionais envolvendo projetos culturais, capacitação e política, João passa a refletir sobre a questão financeira e sobre aquilo que tinha a oferecer relacionado a conforto para sua filha. Durante a entrevista ele conta que aos 35 anos esse tópico passou a ser uma questão para ele, e então apesar de saber que poderia ter lidado melhor com seu dinheiro, entende que a educação financeira demorou a chegar. Hoje tenta de várias formas se articular para que esse conforto exista:

[...] Era um período que se eu pudesse investir, eu hoje teria outros caminhos, né? Poderia estar morando só já, já estar morando com minha filha em uma casa que fosse minha. Coisa que eu só comecei a despertar depois dos meus 35 anos. Por muito tempo, inclusive, eu achei que dinheiro era problema. Mesmo estando confortável, mesmo não passando fome, mas pra mim dinheiro era um problema. Foi inclusive um dos pontos que eu trabalhei na terapia. Essa coisa de ganhar dinheiro, de ter acesso a dinheiro, de poder fazer coisas com dinheiro. Não ter o dinheiro como algo sujo. Hoje, pra mim, tipo, eu tento me viabilizar, então vamos botar o pé no chão, tenho uma filha que está com 11 anos e preciso deixar algo para ela, algo que eu não tive. Então vamos correr atrás disso. (JOÃO, 2025)

De maneira geral, ao observar as entrevistas (mais a frente detalharei os pontos em comum entre todas elas) percebo que a questão financeira é um tópico importante para pensar de que forma cada paternidade se colocou, ainda que em gerações distintas. No campo afetivo, João destaca o seu desejo em ter mais filhos, porém, dentro de um relacionamento estável, com a perspectiva de construção familiar. Até ser pai,

se imaginou no cenário em que teria uma companheira, mas ao longo do tempo, da maneira em que sua vida foi se colocando, o cenário se desconstruiu.

A segunda entrevista foi realizada com Felipe, de 23 anos, homem cis, negro pan sexual, pai aos 20 anos de Ayô, de 3 anos, estudante de Bi de Humanidades na UFBA, poeta, educador social em um aparelho cultural e morador do bairro da Mata Escura. Ele conta que a sua infância foi bastante livre em seu bairro, onde morava com o pai, a mãe e a irmã. De realidade simples mas com acesso ao suficiente para que vivesse confortavelmente, viveu até os 17 anos com seus pais casados e após longos períodos de desgastes, a separação ocorreu:

[...] Sempre morei com minha mãe, irmã e meu pai, até que houve algumas questões e meu pai saiu de casa. Ele sempre foi um bom pai mas não tão bom marido, aí ele tinha várias relações, caso de traição né, aí ele construiu outra família. Eu tenho muitas memórias negativas da minha infância, porque eu presenciei muita briga né, muita discussão entre eles dois, por exemplo. Então, tipo, uma das memórias era que eles saíam para beber, não me levava, porque eu era “meio que chato”. Quando eu via a questão das brigas, de algumas confusões eu já ficava: “eu quero ir pra casa eu, quero ir pra casa. (FELIPE, 2025)

Ainda que a relação entre o casal tivesse episódios caóticos, Felipe fala na entrevista como uma base afetiva fez diferença na vida dele:

[...] Minha mãe sempre sustentou a casa, cuidou de tudo, ela era mãe solo com meu pai presente, nunca faltou carinho, nunca faltou amor. Eu falo que meu pai era um bom pai no que diz respeito a presença.com relação a sentimento, amor. Ele era de abraçar e beijar. (FELIPE, 2025)

Além do afeto, durante a adolescência ele pode acessar aparelhos que o possibilitaram construir um imaginário artístico, então ele frequentou o teatro, a música, a poesia e durante a escola já escrevia poesias sobre seus sentimentos. Aos 20 anos Felipe descobre a paternidade, em uma relação amorosa recente, ambos jovens, e começa a procura de trabalho. Um ponto interessante a ser destacado é que, apesar de jovem ele já exercia ‘bicos’ e só depois do nascimento do seu filho Ayô, ele passa a ser educador social. A escola, o HIP HOP, sua comunidade e o candomblé contribuíram bastante para o homem e pai que Felipe afirma ser : “ [...] comecei a entender também o que era o direito à cidade, o que é ter o direito ao local onde a gente mora, para além da territorialização do bairro, passei a ir pra outros bairro por conta do movimento HIP HOP”. A periferia e a vivência em outros bairros fez com que ao passo que ele compreendesse o acesso como direito da população, o fez presenciar cenas de violência e medo desde a infância trazendo o conhecimento sobre raça para seu cotidiano.

Ao descobrir que seria pai, Felipe diz:

[...] Eu fiquei muito feliz, mas eu só consegui digerir o baque, assim, da notícia, por exemplo, eu só consegui digerir no aniversário dele de um ano. A notícia que minha esposa estava grávida, porque quando eu soube, foi uma coisa em cima da outra, eu fui descobrindo que ela estava grávida, ela foi entrando no processo de surto e negação, eu tinha que estar nesse processo mais tranquilo, então eu tinha que, teoricamente, ser essa fortaleza, e aí eu tinha que estar do lado, eu tinha que avisar pra família, eu tinha que fazer. Eu tive tanta coisa que eu esqueci de, que eu tinha também de entender como esse processo mexe em mim. Eu que sempre fui em busca, fui trabalhar, atrás de trabalho, atrás de coisas. (FELIPE, 2025)

Hoje, Felipe separado da mãe de Ayô há 3 meses, divide a responsabilidade e presença do filho semanalmente e destaca a importância da questão financeira estável nesse exercício da paternidade:

[...] Logo após o nascimento dele virei arte educador social. Infelizmente, hoje eu tento trabalhar minha cabeça, inclusive, para sair dessa ideia capitalista, né? Dessa ideia de acumulação de bens. Mas... Infelizmente, na sociedade que a gente vive, obviamente, né? dinheiro, dinheiro virou sinônimo de conforto, de confortabilidade. E assim, por mim nem tanto, mas pelo meu filho, o que eu mais prezo é o conforto dele. Então, tipo, dizer que o dinheiro não mexe, no caso a falta dele, e não mexe é loucura, mexe muito. (FELIPE, 2025)

A última entrevista foi realizada com Isaac, homem cis, negro, casado, candomblecista, de 64 anos, cresceu entre o bairro da Liberdade e San Martin, pai biológico aos 28 anos de uma menina de 33 anos e um jovem de 18 anos, exerceu a paternidade também através da criação de uma enteada de um dos casamentos que teve e posteriormente criou uma das filhas da sua atual companheira, dos 9 anos até hoje, com 24, nomeada de Dandara. Isaac inicia a entrevista contando sobre sua história de vida, que ao passar da entrevista vem se enriquecendo com mais detalhes. Aos dois anos de idade foi abandonado por sua família biológica sendo adotado nesse mesmo período por sua família de criação onde o mesmo conviveu até os 19 anos. A entrevista com Isaac acontece com relatos dele sobre sua família de criação e biológica, sendo a última a que ele conviveu durante um período da juventude.

Sua infância foi marcada pelos ensinamentos de comportamento, incentivo aos bons modos, caráter e educação que seus pais lhe deram. Apesar das poucas condições financeiras, sendo filho único, ele fala sobre não ter faltado nada de essencial na sua infância e adolescência mas apesar disso, precisou abandonar os estudos na 5ª série para trabalhar. No final da adolescência se mudou com seus pais de criação para

Sergipe, cidade natal da família, seus pais se aposentaram e lá ele pode trabalhar em uma oficina, seu sonho de menino. Depois de alguns anos sentiu que havia recursos suficientes para retornar à Salvador, e ao chegar aqui perdeu o contato com sua família, ele diz:

[...] Justamente quando eu me afastei deles foi que eu parei de estudar, porque eles eram quem me incentivava essas coisas, era tudo na vida com eles. E quando eu me afastei deles, eu deixei tudo isso de lado. Por ironia do destino ou crueldade minha eu não procurei mais o pessoal. Não era tão distante que não pudesse ir, eu reconheço tudo. O que machuca em mim é essa parte, entendeu?

Ele relata a rigidez do seu pai para algumas questões, mas a importância dessa criação para formar o homem que ele é. Os relatos dele na entrevista são emocionantes pois elucida bem como ele sentiu diversas faltas afetivas a partir da sua história mas reconhece de onde veio a base da sua educação, através de quem lhe possibilitou cuidado e acesso:

[...] Na relação era um pequeno problema, eu presenciei muita briga, quer dizer assim, de vez em quando. Não era tudo direto não. Mas era briga de... Minha mãe se separava, ia para a casa das irmãs dela. Foi e voltava. Antigamente os casais também na maioria era assim, brigava mesmo, o machismo permanecia mais do que hoje, porque eu via muito essas coisas em casa, hoje eu converso muito sobre isso com ela, porque meu pai mesmo eu via isso em casa, meu pai mesmo e minha mãe tem que vir com uma bacia, quando ele chegaram já tem uma bacia de água para ele molhar os pés, lavar os pés, no banheiro já tinha que ter uma toalha no banheiro. as coisas todas.

Ao contar sobre sua paternidade, Isaac diz que até dado momento pensava em construir uma família e ter filhos dentro de um casamento, mas com o passar da vida esses planos não deram certo. Ficou feliz ao saber que seria pai, com 28 anos, esteve na relação com a mãe da sua primeira filha, porém preferiu não dar detalhes sobre essa relação e sobre a relação que gerou o seu segundo filho biológico. Ele diz que a parte mais difícil na maternidade é criar e por falta de união, não criou os filhos biológicos. Atualmente ele mantém contato com os filhos e conclui:

[...] Coisa que eu não consegui criar. Eu já criei duas. Da criação de Maria Vitória e de uma última, Maiara também, que eu criei de três anos até 17 anos mas os meus eu não criei. Faltou união, é o que eu posso descrever, faltou união, amor não vou dizer que é uma coisa que não tem nada a ver. Eu não pude ter criado o meu, mas através do convívio eu consegui fazer esse papel.

No casamento atual ele participou da criação de uma das filhas da sua companheira, Dandara, hoje já adulta, ele sente que contribuiu positivamente através de conversas. Por fim, ele ressalta como a criação pouco afetiva por parte dos pais de criação impactou na sua vida, fazendo ele pensar que isso possa ter alguma conexão com o fato de não haver laço sanguíneo. Assim como sente também o abandono que ocorreu por parte da sua mãe biológica. Apesar disso ele se diz grato e feliz pela vida.

2.1 A relação conjugal como norteadora da família

Em todas as entrevistas, é perceptível como as relações entre os pais dos entrevistados se deram e derivaram em caminhos importantes na trajetória de cada um. Nas três famílias, eles destacam que não houveram problemas tão grandes que os impuseram de terem acesso à alimentação e educação mas ao observar para além das necessidades materiais, o fato da relação conjugal dos pais serem tortuosos, plantou de alguma maneira lembranças não tão agradáveis nos filhos, pelo ou menos tão relevantes de modo que eles não esquecerem. Um ponto que impactou essas relações foram os comportamentos masculinos com relação a masculinidade, através de comportamentos estruturalmente destrutivos, fruto de uma sociedade machista. Já é sabido que a comunidade negra, como melhor elaborada em outro capítulo, presenciou feridas coloniais que os vulnerabilizam afetivamente, como menciona Bell Hooks em Vivendo de Amor:

Nossas dificuldades coletivas com a arte e o ato de amar começaram a partir do contexto escravocrata. Isso não deveria nos surpreender, já que nossos ancestrais testemunharam seus filhos sendo vendidos; seus amantes, companheiros, amigos apanhando sem razão. Pessoas que viveram em extrema pobreza e foram obrigadas a se separar de suas famílias e comunidades, não poderiam ter saído desse contexto entendendo essa coisa que a gente chama de amor. Elas sabiam, por experiência própria, que na condição de escravas seria difícil experimentar ou manter uma relação de amor. (HOOKS, p. 189)

Portanto se torna, de certo modo, explicativo como as feridas que foram passadas de geração em geração impactaram na falta de demonstrações de carinho em forma de abraços e palavras. Essa falta também é expressada através de julgadas socialmente

como más condutas, sobretudo nas relações afetivas-sexuais dos homens negros.

Quando a sociedade racista não impede que uma família negra aconteça, utiliza de outros mecanismos estruturais para invalidar os papéis, começando pelo “formato” de família extensiva que a comunidade negra possui e ainda é invalidada atualmente, a partir da métrica eurocêntrica. Ou seja, os tios, os padrinhos, os amigos dentro das relações eurocênticas não compõem uma família, ou participam da criação das crianças de maneira distante, diferente da comunidade negra. Outro ponto que a família negra é fortemente questionada passa pela condição do trabalho. Se o pai negro não ‘sustenta’ a casa, é lido como fracassado, ou se a mãe trabalha fora e o pai cumpre a função doméstica, visto como função atribuída ao feminino, ele se encaixa em outro esteriótipo racista como o homem preguiçoso.

A profunda diferença entre as tradições da comunidade afrodescendente e dos brancos no Brasil, ainda são pautados em morais e costumes católicos que exprime um buraco onde os negros são forçados a assumirem os lugares comportamentais que o racismo dita. Intrelaçando com a desigualdade de gênero, tantas vezes o afeto do pai negro é um sinal de problema para ele próprio, e passa a ser finalidade da mãe em suprir esse local afetivo, enrigecido pelo machismo.

A experiência da paternidade requer referência positiva, mas levando em conta o histórico sufocante ao qual o negro enfrenta, juntamente com a masculinidade que os prendem solitariamente no machismo, quem se torna o cuidador do homem negro para que ele consiga cuidar dos seus filhos? Dentro desse questionamento é preciso incluir questões de identidade, subjetivas e materiais, como o trabalho subalternizado e suas constantes tentativas para se manter vivo, em meio a violência policial, o racismo cotidiano e a dificuldade de acesso à justiça, saúde, educação, alimentação e outros bens.

2.2 A familiaridade como base no Candomblé

O candomblé, religião afro-brasileira, mantém a tradição africana focada na comunidade, onde dentro dela perpassam alguns tipos de relações, entre elas a relação sanguínea, e/ou em prol do exercício da mesma fé, sem laços biológicos. O fato é que na religião, uma casa de axé, majoritariamente faz referência a uma casa familiar, assim como os integrantes que frequentam aquele espaço são considerados uma família: avô, avó, mãe e/ou pai, que são as lideranças religiosas e seus filhos de santo. A idade é um fator predominante nessa cultura, como maneira de cultuar e

respeitar os mais velhos, seguindo o culto aos orixás onde, o ancestral é a sabedoria da comunidade, logo deve ser honrado. No entanto, todas as idades dentro do candomblé são respeitadas a partir da perspectiva espiritual, ou seja, independente da hierarquia existente, a comunidade e o indivíduo respeita um ao outro, entendendo que o mais novo carrega consigo uma entidade espiritual tanto quanto os mais velhos. O respeito como base familiar constrói união na perspectiva africana, afirma Sobonfu Somé (2003):

³A família, na África, é sempre ampla. A pessoa nunca se refere ao seu primo como “primo”, porque isso seria um insulto. Então, ela chama seus primos de irmãos e irmãs. Seus sobrinhos de filhos. Seus tios, de pais. Suas tias, de mães. [...] As crianças são estimuladas a chamar outras pessoas de fora da família de mães e pais, irmãs e irmãos. (SOMÉ, 2003, p. 23)

Nesse movimento de aproximação um ao outro dentro da cultura, juntamente com o laço afetivo, existe também o laço de responsabilidade um com o outro. Então, quando uma criança nasce, toda a comunidade acolhe-a como sua.

Os entrevistados sobre as suas histórias de vida, concomitantemente pertencem a alguma casa de axé, e reconhecem que no candomblé, o sentimento de união e coletividade impera, não apenas no seu ⁴ilê. Dois momentos de entrevistas distintas demarcam esse sentimento:

[...] Existem outras pessoas que você pode considerar como família, um primo, um amigo, uma rede de apoio. Eu não me vi e não me lembro de criar Aiyê sozinho porque sempre estive com muita muita gente, desde pequena. [...] Desde pequena ela vai, ela convive com as pessoas do axé, conhecem ela desde recém-nascida e essa forma de cuidar coletivamente, né? Quando eu levava ela pra lá, pequena, era de braço em braço, né? Todo mundo pegava, botava pra dormir, não sei o que. Tem que levar ela pra tomar banho, aí as meninas davam banho. (JOÃO, 2025)

Além de João, Felipe menciona como a casa de candomblé na qual frequenta contribuiu e permanece contribuindo ainda hoje:

[...] Se não fosse o candomblé, eu não seria o homem que eu sou hoje. Se não fosse todas essas vivências, essas construções que eu tive, eu não seria o homem que eu sou hoje, a pessoa que eu sou hoje. Então, tipo assim, o candomblé hoje, até inclusive na criação de meu filho, a visão que o candomblé tem sobre crianças e como eu enquanto pai tenho que me importar, eu acho que isso faz toda a diferença e também me fez perceber que a criação de um ser humano é um ato comunitário. (FELIPE, 2025)

³ A África referida nesse contexto pela autora, de forma a não generalizar o continente como homogêneo, refere-se mais precisamente a alguns povos do ocidente africano, como os povos Dagara, em Burkina Fasso.

⁴ Ilê: Nomenclatura Yorubá que significa lar. No candomblé é atribuído às casas de axé.

Essa perspectiva de cuidado coletivo na religião, é uma herança africana que surge na perspectiva de alguns países matriarcais, como os povos Dagara, onde a proteção era vista como ferramenta de sobrevivência da comunidade, assim, durante o período colonial, em solos brasileiros, em meio á opressão, o povo negro, em grande parte, cuidavam-se entre si. Por isso, é comum que as famílias negras sejam numerosas, envolvendo não apenas laços biológicos, assim como o candomblé:

[...] Eu comecei a classificar tudo aquilo que eu vivia como algo que era natural de uma família preta, de um quilombo. Hoje, com as minhas lembranças que eu tenho dessa primeira parte da vida, eu vejo muita coisa parecida com as minhas relações hoje com o meu terreiro, a relação de muita gente ter que repartir tudo ter que dividir tudo (JOÃO, 2025)

Felipe contribui a respeito da relevância da comunidade:

[...]Eu acho que é exatamente isso, a criação de qualquer ser humano é um ato comunitário e não só familiar. Não é só família, pai e mãe, né? Não, é toda a comunidade, inclusive, que não tem nenhum nível de parentesco. E aí eu entendi por quê por exemplo, eu chamava meus vizinhos e minhas vizinhas de tio e tia. Porque no final, eles eram também, esses responsáveis por mim. Eles eram responsáveis pelo meu desenvolvimento. Então, tipo, eu cresci com o vizinho dizendo: “desça pra casa agora, isso não é horário de estar na rua”.

Com base nessas falas e perspectivas trazidas pelos entrevistados, fica nítido como a maneira como a tradicionalidade e a vivência em uma cultura focada na negritude e na coletividade soma numa perspectiva de cuidado em mais de um espaço e afluindo a fim de desviar-se das desigualdades sociais sistematicamente impostas. O homem negro dentro da família de axé possui um papel de extrema relevância.

APROXIMAÇÕES CONCLUSIVAS

A metodologia escolhida para explicitar sobre a masculinidade e a relação do homem negro com a família alcançou, ao observar as análises, que não há um único fator que incide sobre expectativas sociais não supridas pelos homens negros. Os múltiplos fatores tornam o negro um co-protagonista das suas próprias escolhas, pois ficou evidenciado que, grande parte dessas posições sociais ocupadas por esse grupo, são resultados da articulação do sistema do capital, do Estado e das desigualdades estruturais acometendo fortemente a realidade dele. De certo modo, os estereótipos existentes são fundamentados no perfil socialmente construído por uma sociedade que ao passo que saiba da existência da desigualdade racial, ppor exemplo, não

compreendem a dualidade na qual os homens negros convivem.

Um tópico que seria previsto encontrar previamente se trata do abandono paterno físico ou afetivo, e ao conhecer cada história desses homens durante a entrevista, independente da geração que cada um se encontra, esses aspectos foram encontrados. Em todos eles foi percebido como a falta afetiva é geradora de uma lacuna que passa de pai para filho, e é levado adiante por gerações. A comunicação familiar a respeito de alguns aspectos também chama atenção nas entrevistas, pois de maneira geral, a época e o acesso à informação permitiu quebrar com o silêncio das famílias negras sobre o racismo que os mesmos viviam e os filhos, hoje adultos compreendem e falam abertamente sobre questões raciais. Apesar de quase nunca falado, internamente os pais cobravam dos filhos uma postura correta, de modo que talvez evitasse sofrer violência social, e essa também era uma forma de tratar raça no país.

De modo analítico, a pesquisa consegue cumprir seu papel inicial de desmascarar a face racista que é atribuída ao homem de cor como aquele que não sente ou que não percebe de modo sensível a sua própria história e da família que construiu, principalmente como a paternidade precisa ser positivamente escancarada. Sendo assim, é atingida a expectativa inicial em abordar esse tempo múltiplo e complexo que é a masculinidade e a família para o homem negro.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Kelvin. Homens pretos não choram: a quebra de ciclos para novas formas de masculinidades e de existir. Literafro, 2024. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/ficcao/1953-stefano-volp-homens-pretos-nao-choram-a-quebra-de-ciclos-para-novas-formas-de-masculinidades-e-de-existir>>. Acesso em: 30 out. 2024.

BRASIL DE FATO. Quase 70% da população carcerária do Brasil é negra. Brasil de Fato,

18 jul. 2024. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2024/07/18/quase-70-da-populacao-carceraria-do-brasil-e-negra>. Acesso em: 27 out. 2024.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Sistema carcerário brasileiro: negros e pobres na prisão. Disponível em:

<<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/noticias/sistema-carcerario-brasileiro-negros-e-pobres-na-prisao>>. Acesso em: 27 out. 2024.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência serve também para as pessoas pensarem. Itaú Social, 2023. Disponível em:

<<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>>. Acesso em: 31 out. 2024.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EdUFBA, 2008.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala: Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal, 48º. São Paulo: Editora José Olympio, 1987.

HOOKS, bell. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maísa; WHITE, Evelyn C. (orgs.). O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. Tradução de Maisa Mendonça, Marilena Agostini e Maria Cecília MacDowell. Rio de Janeiro: Pallas–Criola, 2000. p. 188-198. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>>. Acesso em: 24 out. 2025.

LEITE, Laurenio. Capitalismo e relação social: rediscussão. Revista Húmus, v. 12, p. 37, 2022.

MOORE, Carlos. Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Mazza, p. 284, 2007.

MOURA, Clóvis. Sociologia do negro brasileiro. São Paulo: Editora Ática, 1988, p. 8-23.

PRIORE, Mary Del. A família no Brasil Colonial. São Paulo: Editora Moderna, 1999.

SOMÉ, Sobonfu. O Espírito da Intimidade: Antigos Ensinaamentos Africanos sobre os Caminhos dos Relacionamentos. Odysseus Editora, 2003.

UFMG. Homens brancos da parcela 1% mais rica têm renda maior que todas as mulheres negras do Brasil. UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais, 15 Dez. 2021. Disponível em:

<<https://ufmg.br/comunicacao/noticias/homens-brancos-da-parcela-1-mais-rica-tem-renda-maior-que-todas-as-mulheres-negras-do-brasil>>. Acesso em: 28 out. 2024.

APÊNDICE A

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

QUESTIONÁRIO

1. Nome:
2. Idade:
3. Raça/cor-etnicidade:
Preto () Branco () Pardo () Amarelo () Indígena ()
4. Situação conjugal:
Solteiro () Casado () União estável () Divorciada () Viúva ()
5. Religião:
6. Número de filhos:
Nenhum () Um () Dois () Três () Mais de três ()
7. Com quem mora?

8. Ocupação:

Caso esteja empregado, qual o tipo: Formal () Informal ()

Caso não possua emprego, você depende de algum tipo de auxílio?

Não () Governamental () Não governamental () Do companheiro/a () Outros ()

Quem?

9. Renda pessoal:

10. Renda familiar:

11. Tem relações sexuais com:

Homens () Mulheres () Homens e mulheres ()

12. Possui alguma deficiência?

13. Sua escolaridade?

14. Quando seu filho nasceu, você tinha quantos anos?

INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

- Me fale sobre sua infância e adolescência
- Quem era sua família nesse período (irmãos, pai e mãe...)
- Em qual bairro você cresceu e como foi essa convivência no bairro? (exemplificar)
- Que lembranças você tem da sua casa?
- Como foi a condição financeira da sua família ao longo do seu crescimento? Passou alguma necessidade?
- Quem sustentava a casa?
- O que seus pais faziam profissionalmente?
- Quem cuidava dos filhos?
- Tem algum episódio que te marcou? (positivo e/ou negativo)
- Ao longo dessa passagem entre um menino, um adolescente e a vida adulta, o que você ouvia das pessoas em geral e de sua família sobre você? Falavam alguma coisa sobre ser negro? Sobre ser homem?
- Seu pai era um homem negro? Ele falava sobre isso?
- Como foi a sua relação com sua mãe?
- Como foi a sua relação com o seu pai?
- Como foi sua vida na escola?
- Algum momento da sua infância ou adolescência a discussão sobre raça foi inserida? De qual maneira? Qual o espaço?
- Pensava sobre o desejo de paternar quando chegasse a vida adulta?

FASE ADULTA

- Me fale sobre sua vida adulta, sobretudo sua trajetória de trabalho. Me fale sobre os trabalhos que teve, como é sua rotina de trabalho.
- Você gosta da sua profissão?
- Se pudesse, trabalharia em outra área? E o que te impede?
- Como a falta ou excesso de dinheiro te afeta sentimentalmente?
- Quando chegou na vida adulta, enxergou de forma positiva, no contexto geral, a sua passagem pela infância e adolescência?
- Se considera uma pessoa bem sucedida?
- Ao olhar para o seu passado, você sente que faltou algo de positivo por parte da sua família em relação a sua criação?

PERGUNTAS SOBRE VIDA ÍNTIMA

- Você lembra em mais ou menos qual época começou a se relacionar sexualmente?
- Me fale sobre seus relacionamentos amorosos e sexuais.
- Nas suas relações, você costuma usar algum método contraceptivo?
- Há alguma característica machista que você gostaria de desconstruir?
- Recebeu orientações de alguém?
- Você vai ao médico com frequência?
- Acha que deveria se cuidar mais? Se sim, o que impede?

PERGUNTAS SOBRE MASCULINIDADE E PATERNIDADE

- O que você pensa sobre uma família negra e unida?
- Qual a imagem de família você tem hoje e qual você tinha antes de ser pai?
- Me fale sobre que homem é você (me descreva seu jeito, seus gostos, sua personalidade...).
- Me conte a história de como você conheceu a mãe de seu filho e como foi a relação de vocês.
- Me conte como ficou a relação depois da gravidez.
- Em algum momento o seu filho foi desejado por você?
- Descreva o que você fez/sentiu ao saber que seria pai.
- Me descreva como você é como pai.
- Você mudou de antes da paternidade para depois?
- Pretende ter mais filhos?
- Você se acha presente o suficiente na vida dos seus filhos? Por que?
- Me conte como é seu contato com seu filho (descrever rotinas, responsabilidades, quantas vezes encontra)
- O que é mais difícil em ser pai?
- O que é o melhor?
- Você acha que pode contribuir para que seu filho não passe por certas coisas que você passou?
- O que você cresceu ouvindo e aprendendo sobre ser pai?
- Você acha que se tivesse um grupo de apoio para pais negros, seria interesse ou acha desnecessário?
- Já pensou em como começaria a introduzir o tema do racismo e do machismo com seu filho/filha?